

## O estranho e o negro: um olhar psicanalítico sobre o racismo

*The stranger and the black: a psychoanalytic look at racism*

**Caio Camargo Tarquínio de Campos<sup>1</sup>, Mariana de Souza Santos<sup>2</sup> e  
Thalita Lacerda Nobre<sup>3</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho surgiu a partir da reflexão acerca do discurso racista cristalizado na sociedade e como ele pode afetar a subjetividade do negro. Sob a luz da Psicanálise Freudiana, este artigo de revisão se propõe a revisitar o texto “O Estranho”, (1919) partindo da hipótese de que o racismo pode ter sua origem no sentimento de estranhamento, ocasionado pela diferença. Nesse texto Freud aponta o “estranho” como algo que se propaga com facilidade, através da incerteza intelectual acerca de um objeto ter ou não vida, principalmente quando esse se assemelha a um objeto animado, elencamos tal objeto, fonte de dúvidas, como o negro na visão do branco, principalmente a partir do primeiro contato – na colonização. Procurou-se então realizar uma pesquisa bibliográfica qualitativa a fim de levantar artigos que analisam a vivência do negro sob o ponto de vista teórico psicanalítico com o objetivo de integrá-los a perspectiva do “estranho”. O resultado obtido demonstrou a falta de produção acadêmica sobre o negro no tocante a psicologia como sintoma de uma questão psicossocial.

Palavras-chave: Negro; O estranho; Psicanálise Freudiana; Psicologia; Racismo.

**Abstract:** The present work emerged from the reflection about the racist discourse crystallized in society and how it can affect the subjectivity of black people. In the light of Freudian Psychoanalysis, this review article proposes to revisit the text “The Uncanny”, (1919) based on the hypothesis that racism may have its origin in the feeling of estrangement. In this text, Freud points out the “strange” as something easily propagated, through the intellectual uncertainty about whether it is, or not, a living object, especially when it looks a lot like an animated object, in the aforementioned one, we list such an object, a source of doubt, as the black in the white person’s view, mainly from the first contact – through colonization. The discussion therefore focused in a qualitative bibliographical research to raise articles that analyze the experience of black people from the psychoanalytic theoretical viewpoint, to integrate them into the perspective of the Uncanny. The result obtained demonstrated a lack of academic production on black people concerning psychology as a symptom of a psychosocial issue.

Keywords: Blacks; Freudian psychoanalysis; Psychology; The uncanny. Racism.

<sup>1</sup> Psicólogo pela Universidade Católica de Santos. E-mail: caio.campos@unisantos.br

<sup>2</sup> Psicóloga pela Universidade Católica de Santos. E-mail: mariana.souza.santos@unisantos.br

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós Graduação em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos. E-mail: thalitaln@gmail.com

---

## Introdução

Esta pesquisa se fundamenta na abordagem psicanalítica freudiana, em particular no uso do texto “O Estranho”, publicado em 1919 por Freud, a fim de explorar o tema do racismo no Brasil e seus impactos na subjetividade desses sujeitos. Partindo do pressuposto que o preconceito se origina em um estranhamento que coloca em risco as concepções previamente concebidas sobre si e sobre o outro, o preconceito e posteriormente a discriminação, na perspectiva freudiana, tem origem na ameaça que “O Estranho” pode oferecer.

O trabalho tem como objetivo a realização de uma análise acerca de como o racismo é compreendido pela psicanálise através da história. Tendo em vista o histórico da população negra no Brasil e o imaginário social elaborado a despeito desse, apoia-se nos referenciais desenvolvidos pelos autores Frantz Fanon em “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2008) e Jessé Souza em “Ralé brasileira: Quem É e Como Vive” (2009) elaborando uma correlação entre estes textos, visto que, ao discutir questões que permeiam determinada classe, não é viável ignorar o contexto em que estas estão inseridas.

Fanon (2008) realiza uma crítica histórica sobre a complexidade com a qual a identidade negra é construída a partir da colonização, enquanto Jessé Souza (2009) retrata o histórico do negro no Brasil, e o como a sociedade o percebe e se comporta frente a ele, sendo assim, mostram-se fundamentais para a fundamentação do tema a ser elaborado.

Neste texto, será adotado o termo “negro” como uma alegoria analítica, de modo a fazer referência ao conjunto de indivíduos afetados pelas amarras psicossociais do racismo.

### O racismo contra o negro, a partir do referencial psicanalítico

Em primeiro lugar, é necessário estabelecer a relação entre a psicanálise freudiana e o fenômeno histórico do racismo. Freud reflete em seu texto “O Estranho” sobre a ideia do outro como uma fonte de medo e angústia, concluindo que o “estranho” pode se manifestar de diversas maneiras. A forma de “estranho” a ser focada nesse artigo é a do elemento que foi reprimido, elemento esse que nunca foi de fato estranho, mas sim algo familiar que foi alienado durante o tempo por conta da repressão.

Freud, por diversas vezes, em suas obras, discorre a respeito do povo judeu, especialmente durante os anos antecedentes à Segunda Guerra Mundial, tendo em certa instância os referidos como “o estranho estrangeiro”. Levando em conta o contexto político da Alemanha na época, o autor desenvolve suas reflexões sobre a relação da origem estrangeira do monoteísmo judaico e a intolerância crescente na Alemanha nazista, intolerância essa que se baseava na contestação de qualquer forma de divergência ao que se era considerado correto, procurando sempre destruir o outro que se destacasse, possivelmente a fim de evitar um confronto com a sua visão de mundo, e consequentemente, suas limitações.

Deve-se levar em conta que, durante todo o período nazista da Alemanha, grande parte das campanhas eram focadas em, simultaneamente, demonizar os judeus, como uma forma de culpá-los por todos os problemas da sociedade, além de desumanizá-los para essencialmente justificar qualquer forma de atrocidade cometida contra esse grupo (Becher, 2017). É notável que, para que esta estratégia fosse possível, se fazia necessário o mesmo processo de repressão comentado no parágrafo anterior, em que essa população, que

era parte da sociedade até então, passasse a ser completamente preterida e negligenciada, efetivamente sendo esquecida pelo resto de sua comunidade.

Levando em consideração essa dinâmica levantada por Freud, quanto à relação da parcela da sociedade reprimida e negligenciada pelos demais setores com o Estado e sendo essa população deixada à mercê das decisões do Estado, surge um movimento desse para empregar medidas cada vez mais repressoras e promotoras da marginalização dessas pessoas.

Nesse sentido, é possível pensar que o Estado torna-se responsável por medidas políticas genocidas nazistas durante esse período. Traçando um paralelo com a contemporaneidade, pode-se considerar que outras formas de marginalização e exclusão são utilizadas. Um exemplo disso, são os hábitos observados na sociedade brasileira que perpetuam a alienação e a invisibilidade das populações negras, de mulheres, de pessoas em situação de pobreza e/ou miséria, entre outros. Nos ateremos, neste trabalho, à discussão acerca da população negra.

Posto isso, o raciocínio construído e validado por meio da reflexão dos conceitos de segregação e racismo, evidenciando que esses dois elementos provocam uma reação de agressividade no sujeito que se depara com as diferenças interpessoais; ainda que essas sejam de pouca magnitude, por vezes colocam em xeque as crenças pré-existentes do sujeito, provocando angústia.

Para melhor compreensão, levando em consideração o contexto histórico da trajetória da população negra durante o período colonial e escravista no ocidente, utiliza-se como fundamentação o livro “Pele Negra, Máscaras Brancas”, de Frantz Fanon, em que o autor discorre detalhadamente acerca dessa trajetória, enfatizando como a identidade e subjetividade do negro foi afetada conforme a expansão europeia ocorria sobre o continente africano.

Fanon apresenta a ideia de que em um mundo dominado por brancos a descoberta e conhecimento do próprio corpo, por parte do homem de cor, é um processo de negação, visto as diferenças entre o que é encontrado e aquilo representado como ideal, o corpo branco. Essa incompatibilidade entre a representação do corpo e cor ideais e sua real aparência, cria, de acordo com o autor, uma constante atmosfera de dúvidas e incertezas. Fanon (2008, p. 94) destaca que:

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco.

Nesse sentido, a imposição da branquitude levaria à negação da própria originalidade, levando o indivíduo ao sentimento de não pertencimento e como consequência, a um desejo de se incluir no mundo branco para viver o pertencimento. Ademais, deve-se também mencionar que, para Fanon, a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Conforme o autor explicita, é necessário haver coragem para constatar que o racista cria o inferiorizado (Fanon, 2008).

Ainda sobre a questão da discriminação e inferiorização, é importante destacar que, no movimento de alienação e afastamento do negro da sociedade, esse passa a se sentir como um estranho no grupo, passando a aderir a crenças discriminatórias que são internalizadas. E, uma vez que os indivíduos vivem a discriminação, constroem uma sociedade pautada nessa condição.

---

Como forma de enfrentamento dessa estrutura social discriminatória, Fanon se comprometeu, como psicanalista, a ajudar, de todas as formas, seus analisandos a não mais perseguirem a ideia de um embranquecimento, por meio do exercício de tornar consciente movimentos inconscientes já arraigados pela construção social racista.

Essa proposta permitiu oferecer escolhas ao negro, mostrando que não mais deverá ser submetido a uma escolha impossível: a de branquear-se ou desaparecer, mas sim ter a possibilidade de criar uma nova forma de ser. Fanon ainda complementa que seu objetivo é o de oferecer ao negro a possibilidade de construir uma nova consciência sobre si e sua sociedade, sendo capaz de tomar um caminho de ação ou passividade para com as estruturas sociais que, por muitas vezes, o fez envergonhado de sua cor.

### **Aspectos sociais e psicológicos do negro no Brasil**

Conforme publicado no estudo de Sacco, Couto e Koller (2016), no Brasil, a estrutura social racista está presente, tendo se desenvolvido de forma única no país, de acordo com as singularidades da formação étnico política brasileira, uma vez que fora constituída majoritariamente por imigrantes de diferentes etnias, além de seus povos originários, os povos indígenas. Além disso, o Brasil, em sua sociedade, construiu diferentes ferramentas de manutenção sócio políticas e o racismo contra o negro teria a função de perpetuar diversos conceitos e crenças sociais que até a atualidade são propagados.

Um dos maiores contribuintes para esse racismo velado é o “mito da brasilidade”, ou seja, a ideia de que todos são brasileiros e portanto, iguais, criando assim uma identidade nacional, sob a forma de um “mito moderno”. Ressalta-se que nesse contexto, Souza (2009) descreve a noção de mito como um conjunto de interpretações e de ideias que permitem compreender o sentido e a especificidade de determinada experiência histórica coletiva.

De acordo com Souza (2009), esse conceito de identidade nacional teria sido desenvolvido ao longo do século XIX até a década de 20, do século XX, por conta da necessidade de construir uma imagem positiva para o que era visto como “povo de mestiços”, já que, até então, o mestiço era visto como um ser representante da degeneração das raças puras da qual é composto, englobando o que existe de pior tanto do branco quanto do negro.

Surge então a ideia de identidade nacional como uma forma de mudar essa concepção, criando uma narrativa de que a mistura étnica e cultural presente no Brasil era algo a ser celebrado e visto com orgulho ao invés de vergonha, como até então, sendo possível retratar essa sociedade como um encontro de culturas, pautado na diversidade e tida como única no mundo, por sua capacidade de abrigar tantos elementos contraditórios.

Ainda de acordo com o autor, essa leitura de mundo trouxe o pensamento de homogeneidade, sendo o povo brasileiro dito como um grupo unitário e harmonioso, estabelecendo uma lógica de que todos estão “no mesmo barco”, sendo esse o motivo pelo qual se deve ter orgulho do que foi construído e do que ainda será. Assim, se estabelece o ideal de uma sociedade que une opostos de forma harmoniosa.

É possível considerar que esse discurso criaria uma atmosfera, na qual o elogio de tal unidade e homogeneidade passaria a se tornar a norma, procurando sempre encobrir toda forma de conflito interno, alimentando a ideia de que tudo aquilo que perturbe a estabilidade da convivência entre as diferenças

deva ser imediatamente reprimido, fazendo com que atualmente ainda exista resistência quando uma crítica ilustra a diferença entre certos grupos sociais.

Portanto, torna-se evidente a noção de que essa busca pela homogeneidade e união custaria a repressão, esquecimento e apagamento das culturas negra e indígena em detrimento da imposição do branqueamento da população brasileira.

Com relação a isso pode-se destacar o trabalho da jurista Nina Rodrigues, na metade do século XX (1956), quando escreveu o famoso livro: “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil”. Segundo o autor, a raça branca dependeria do “mulato” para se adaptar na região sul brasileira. Nesse sentido, há uma correlação biológica para adaptação ao clima. Isso porque, de acordo com o pensamento biológico adaptativo, o branco apresenta melhor condição de adaptação ao frio e o negro e o indígena se adaptam melhor aos climas de maiores temperaturas. A fim de obter ótima capacidade de fixação aos diversos climas, a miscigenação poderia ocorrer. Entretanto, um perigoso efeito colateral se instalaria: a destruição da pureza das raças.

Acerca das questões legislativas relacionadas à miscigenação, Maia e Zamora (2018, p. 273) escrevem que: “No Brasil, no início do século XX, a relação estabelecida entre uma ciência racista e o conceito de degenerescência é aliada na construção de um Estado racista e controlador, devido ao seu alto e perigoso índice de miscigenação”. Isso contribuiria para a formação de uma subjetividade que considera apenas a lógica de branqueamento como possibilidade para pureza de raças.

Deve-se ressaltar que parte da dificuldade de se criticar a questão racial encontra-se na forma com que a diáspora africana é relativizada enquanto um processo, de maneira a suavizar ou até mesmo omitir fatores para tornar esse fenômeno menos atroz e desumano.

Na obra “Relativizando” (1981), de Roberto Da Matta, uma introdução à Antropologia propõe a ideia do “triângulo das raças”, sendo esse o mito que convenceu o mundo de que a sociedade brasileira era unificada por laços inter-raciais. Dentro dessa metáfora, o branco representaria o ângulo superior do triângulo, enquanto os negro e indígenas formariam a base com os ângulos laterais inferiores. Tal metáfora justificou como unida, uma composição extremamente discriminatória e desigual da sociedade brasileira, além de claramente hierarquizada.

De acordo com Da Cruz Santos (2019), a história do negro no Brasil se iniciou por meio do sequestro de indivíduos de diferentes regiões do continente africano, submetendo-os desde o princípio de sua relação com os brancos europeus a inúmeras formas de tortura e desumanização, tal qual o trabalho escravo e as diversas punições envolvidas nesse. Durante esse processo os indivíduos foram subjugados a abdicarem de sua fé, idioma, cultura e lugar de nascer e pertencimento.

Após 300 anos servindo às classes dominantes na sociedade brasileira, após incontáveis formas de resistência, protesto, luta e fuga desta condição para então construir lugares considerados seguros para ocuparem, os quilombos, houve a libertação por meio de algumas medidas do governo da época, a mais famosa pela efetividade foi a “Lei Áurea”. Porém, mesmo com a liberdade, não houve políticas de reparação ou reinserção na sociedade.

Nogueira (1998), em sua tese de doutorado intitulada “Significações do Corpo Negro”, aponta que a libertação não ocorreu de fato, pois independentemente dos negros juridicamente não serem mais escravos, eles ainda estavam excluídos dos considerados direitos sociais. A escravidão deixou marcas que

ainda reverberam. Nogueira (1998, p. 15) pontua que:

Desde então, libertados do cativeiro, mas jamais libertos da condição de escravos, de um estigma, os negros têm sofrido toda sorte de discriminação, que tem como base a ideia de serem os negros seres inferiores, portanto não merecedores de possibilidades sociais iguais.

Nesse sentido, esta fábula de democracia racial foi responsável pela dissimulação de tensões raciais, contribuindo diretamente para um imaginário social ilusório de inclusão verdadeiramente inexistente. Nota-se que a necessidade de homogeneização social era imposta para que fossem coibidos os conflitos que pudessem alarmar a situação de extrema violência que foi a escravização de povos.

Por conseguinte, essa fábula é responsável pelo silenciamento de vozes essenciais a serem ouvidas, vozes negras que denunciam a violência física e simbólica que ainda perpassa os corpos negros. Esse enredo arquitetado, projeta lugares de exclusão e discriminação, além de lugares de privilégio para aqueles corpos não perpassados por essa violência, os corpos brancos, de descendentes dos mesmos responsáveis pela subjugação do povo negro, que continuam por ocupar um espaço de superioridade social e racial perante a coletividade.

Nogueira (1998, p. 116) refere que: “ser branco” tanto quanto “ser negro”, para além da tonalidade que reveste o corpo dos seres humanos, representam “valores”, significados. Para além do branco está a brancura, e tudo quanto essa condição de branquitude “simbolicamente representa para o negro”.

Posto que o que representa o negro é o “estranho”, isto é, aquilo que carrega em si algo de inquietante, simbolicamente, para o negro são empregados valores e significados negativos, valores esses que impactam em sua vivência objetiva e subjetiva, carregando uma violência descrita como esperada a partir desta inquietação, desde a publicação do texto de Freud, em 1919.

É por intermédio destes que se demonstra a importância de trabalhar sobre essa temática, uma vez que o que inquieta é portador de um discurso que está no interior do “eu” de cada sujeito e da sociedade como um todo. Uma

vez que o “estranho” estar presente provocaria um sentimento, inicialmente não nomeado e que pode ser transmitido, tornando-se político. Gonçalves Filho (1998) afirma que “[...] sofrimentos políticos não são enfrentados apenas psicologicamente, uma vez que são políticos. Mas enfrentá-los politicamente inclui enfrentá-los psicologicamente”.

Nesse sentido, evidencia-se então o auxílio que a psicanálise pode trazer para a promoção de diálogo e (re)construção de compreensões acerca do que pode angustiar e portar a diferença. A repressão e o silenciamento não seriam caminhos adequados para a liberdade dos sujeitos e dos grupos.

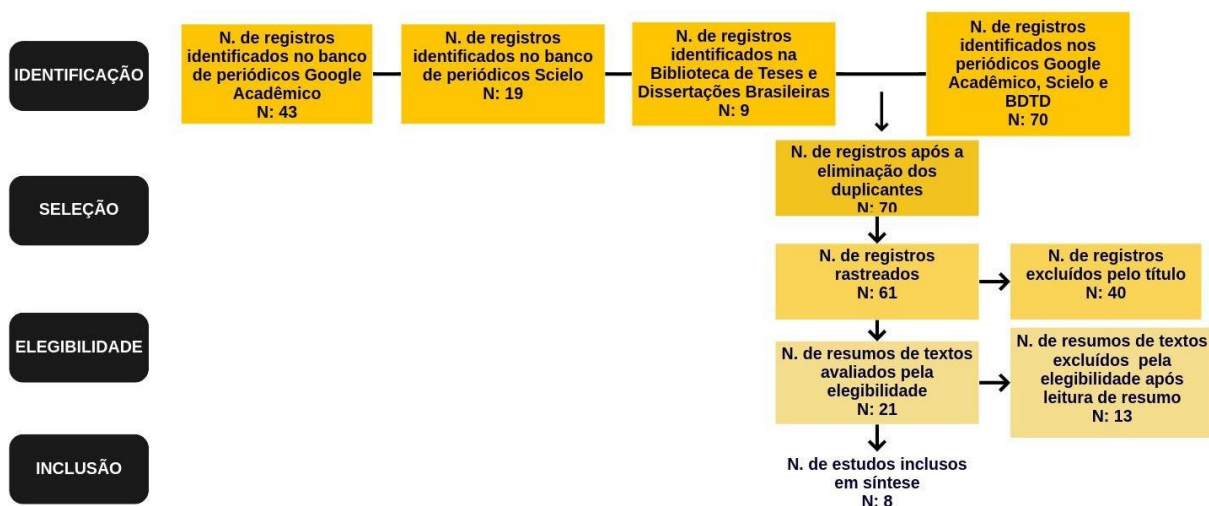
## Metodologia

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, designada como um artigo de revisão de literatura, desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica sistemática pautada em artigos científicos e livros de referencial psicanalítico. Não se pretendeu esgotar o assunto por meio da pesquisa, mas trazer luz a algumas questões relativas ao tema, bem como suscitar debate diante da relevância do assunto. Uma das obras utilizadas que deu origem à curiosidade de escrever o artigo foi o livro “Pele Negra, Máscaras Brancas”, obra de Frantz Fanon, além de outros artigos focados na pauta do negro no Brasil.

Para a seleção do material utilizado, se fez necessário um processo de filtragem, utilizando como descritores de pesquisa: Negro; O Estranho; Psicanálise Freudiana e Racismo, no qual as obras, após inicialmente selecionadas de acordo com seus títulos, posteriormente tiveram seus resumos obtidos e analisados, uma vez em que seu conteúdo se alinhasse com a pesquisa, eram selecionados ou descartados, processo esse que resultou na fundamentação teórica apresentada anteriormente.

Dentre os periódicos utilizados para a realização da pesquisa estão a ferramenta de pesquisa Google Acadêmico, além dos bancos de dados *Scielo* e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Para melhor ilustrar o processo de pesquisa, foi montado um organograma descrevendo todas as etapas, sendo estas: identificação; seleção; elegibilidade e inclusão. Também constam os recursos utilizados, como as fontes de pesquisa, seguindo o processo até a seleção final dos artigos.

Organograma 1 – Demonstrativo da revisão bibliográfica sistemática



miro

---

De acordo com a natureza qualitativa e objetivo da pesquisa, salienta-se que foram utilizados artigos científicos exclusivamente brasileiros, de modo a destacar o enfoque da psicanálise a respeito do objeto delimitado pela pesquisa, o negro, em especial o negro no Brasil e as contribuições da psicanálise para sua compreensão, considerando os aspectos sociais que permeiam o ser no mundo.

## Resultados e discussão

Ao decorrer do desenvolvimento da pesquisa, tornou-se gradualmente evidente o escasso número de artigos publicados acerca da temática que envolve o negro, de modo geral, em diferentes bancos de dados científicos. Considerando ainda que, uma vez que discriminados com o descritor “Psicanálise” se apresentou uma quantidade ainda menor de materiais produzidos sobre o negro na abordagem psicanalítica freudiana na língua portuguesa.

Estes resultados evidenciam uma reflexão necessária sobre o lugar do negro academicamente, não só como objeto de pesquisa, mas como na posição de pesquisadores. Por mais que o número de negros e pardos ingressos nas universidades no Brasil nunca tenha sido tão elevado, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019), considerando que pela primeira vez pretos e pardos são mais da metade dos universitários da rede pública, ainda assim, é notável a disparidade entre a quantidade de trabalhos científicos produzidos pela e acerca desta população.

Mesmo com a relevância do tema, o histórico genocídio da população negra e número igualmente histórico de negros ocupando cadeiras acadêmicas ainda não se vê uma extensa produção de conteúdo dentro da psicologia, sobretudo dentro da abordagem psicanalítica acerca desses indivíduos, o que aponta um dado revelador sobre a psicanálise: ela ainda se apresenta como inacessível a certos recortes populacionais.

Em contrapartida, existem diversas pesquisas realizadas com comunidades pobres ou carentes e muitas dessas comunidades são compostas majoritariamente por pessoas negras. De forma que observa-se uma não consonância entre demanda e produtividade. Ora, se há, na sociedade, um número alto de pessoas pretas e pardas, não é coerente que a Psicologia, ou, especificamente, a Psicanálise, não tenha tomado tais indivíduos como objeto de estudo. Nota-se, inclusive que, parte destas acabam por silenciar esse processo a negritude dessas pessoas, deixando de contabilizar um grande fator de sua identidade e lugar social.

Segundo Jessé Souza (2009), o “esquecimento” do social no individual é o que permite a celebração do mérito individual que, em última análise justifica e legitima todo tipo de privilégio em condições modernas e por sua vez contribui para explicar e validar a não inclusão.

Deveras, em todo o corpo deste trabalho houve uma temática paralela e latente, a temática do “esquecimento”, o negro é constantemente “esquecido” socialmente e conforme apresentado na fundamentação teórica dessa pesquisa, esse esquecimento é histórico. Tal movimento social permite pensar, a partir da psicanálise, que a recusa da diferença propiciaria tal esquecimento. Sendo assim, o discurso que exclui o que provoca estranheza pode ser transmitido em todos os setores, desde os primeiros conteúdos transmitidos pelos pais às crianças, passando pela educação escolar até chegar à vida adulta. E nesse sentido, a recusa à diferença pode se perpetuar, transformando-se, muitas vezes, em um discurso que se traveste de incluyente.

Utilizando-se da psicanálise, então, pretendeu-se a compreensão do fenômeno involuntário e inconsciente, que pode ser descrita como uma forma de repressão, descrita por Sigmund Freud (1915) como: defesa patológica em que determinado conteúdo é recalcado de modo que, se emerso ao consciente, torna-se uma ideia intolerável. Assim pode ser posto que a sociedade encara o negro de forma a negá-lo em sua própria negritude.

Freud (1919) indica que essa referência ao fator da repressão permite-nos, ademais, compreender o “estranho” como algo que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz. Uma vez que, na tomada a posição de não perceber o negro, não há necessidade da percepção do impacto histórico ocasionado a esse. Esta omissão é um posicionamento responsável por gerar um ciclo que reforça o racismo, posto que, um obstáculo não visto, não poderá ser superado. Portanto, refletindo a discriminação racial como uma violência, esse movimento a mantém, visto que, quando reprimido um conteúdo tende a voltar a consciência de modo a carregar consigo uma agressividade direcionada ao objeto de tal repressão, reforçando numa perspectiva atual o que Freud determinou nos anos de 1900.

## Considerações finais

O presente artigo teve como propósito nortear o compromisso social contido na psicologia como ciência e profissão. Dessa forma, toda a elaboração desse partiu do pressuposto de que o conteúdo fosse fomentador de discussões a respeito do tema. Não foi pretendido, em nenhum momento, que esse encerre o assunto, ou até mesmo que englobe toda a sorte de particularidades que permeiam o ser negro.

Dentre os desafios da realização do artigo, além do distanciamento pessoal necessário para com o tema, mantendo o posicionamento científico acima de quaisquer entendimentos próprios acerca do assunto, houve a dificuldade de encontrar produções científicas sobre o negro e sobretudo sobre o tema pesquisado. Compreendemos que essa dificuldade desvela indicadores que foram ao encontro da hipótese da pesquisa.

O desenvolvimento desta pesquisa, além de proporcionar conhecimento acadêmico científico a respeito da temática, possui significativa relevância pessoal, já que dois dos pesquisadores são indivíduos negros e brasileiros, todos são graduados em Psicologia e valorizam a abordagem psicanalítica e sua utilização para além da compreensão de casos clínicos.

No contexto atual, o assunto possui grande relevância social, visto que a desigualdade racial no Brasil continua a ser uma constante. Uma vez que, consecutivamente, deixa-se de produzir conteúdos científicos sobre uma população minoritária e vulnerável e assim, contribui-se para a manutenção da segregação desse mesmo grupo, tal qual a não inclusão da pauta da luta negra na psicanálise também denota-se como um posicionamento.

À medida em que o negro tem ocupado espaços, como as universidades, e a produção sobre esses ainda é tão carecida, observamos que estudos relativos a essa temática podem ser realizados e difundidos, possibilitando um melhor debate e reflexão sobre questões sociais que geram preconceito e exclusão. Em outras palavras, por meio de pesquisas e debates a questão racial, a nosso ver, deixará, pouco a pouco, de ser um tabu, já que por meio do conhecimento se promove a aceitação das diferenças.



## Referências

- Becher, F. (2017, maio/agosto). Por uma antropologia das emoções do nazismo. *Revista Tempo e Argumento*, 9(21), pp. 482-487. Recuperado em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/2175180309212017482/7017/34714>.
- Conte, B. S., Schwarcz, L. M., Silva, M. L., & Kon, N. M. (2015, junho). Racismo, este estranho familiar. *Percursa*, 54, p. 109-120. Recuperado em: <https://sig.org.br/bkp/wp-content/uploads/2016/01/Racismo-este-estranho-familiar.pdf>.
- Da Cruz Santos, T. (2019). As consequências da Escravidão na História do negro no Brasil. *Diamantina Presença*, 2(1), p. 47-57. Recuperado em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/diamantina/article/view/7381#:~:text=Ao%20longo%20dos%20anos%2C%20essa,discutidos%20ao%20longo%20do%20texto>.
- Da Matta, R. (1981), *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. (3ª ed.) Rio de Janeiro: Rocco.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. (trad.: Renato da Silveira) Salvador: EDUFBA.
- Fernandes, V. B. & Souza, M. C. C. de. (2016) Identidade Negra entre exclusão e liberdade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. 2016, (63), pp. 103-120. em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>
- Freud, S. (1996). Repressão, v. XIV. In S. Freud, *Obras completas* (2ª ed., v. XIV, p. 103-138). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2010). O Inquietante. In S. Freud, *Obras completas* (v. XIV, p. 328-376). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Fuks, B. B. (2007) O pensamento freudiano sobre a intolerância. *Psicologia Clínica*, 19 pp. 59 - 73. doi.org/10.1590/S0103-56652007000100005.
- Gonçalves Filho, J. M. (1998). Humilhação Social: um problema político em psicologia. *Psicologia USP*, 2, pp. 11-67. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200002>.
- IBGE, (2019), *Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019*. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro : IBGE.
- Maia, K.S. & Zamora, M.H.N. (2018). O Brasil e a Lógica Racial: do Branqueamento à Produção de Subjetividade do Racismo. *Psicologia Clínica (PUC-RJ)*, 30(2), pp. 265-286. Recuperado em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-56652018000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652018000200005&lng=pt&nrm=iso)
- Nogueira, I. B. (1998). *Significações do corpo negro*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Obliziner, P. O. (2018). *O sujeito entre o ser e o não-ser: uma teoria do reconhecimento em psicanálise*. (Dissertação de mestrado não editado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica) Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, São Paulo.
- Ohnmacht, T. M. (2019) *Do laço social ao corpoema: enlaces entre negritude e psicanálise*. (Dissertação de mestrado não editada, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Reis Filho, J. T. (2005). *Negritude e sofrimento psíquico*. (Tese de doutoramento não publicada). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Rodrigues, R. N. (1956). *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Recuperado em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co obra=61586](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co obra=61586)
- Sacco, A. M., de Paula Couto, M. C. P. & Koller, S. H. (2016) Revisão Sistemática de Estudos da Psicologia Brasileira sobre Preconceito Racial. *Temas em Psicologia*, v. 24(1). Recuperado em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2016000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000100012)
- Santos, M. R. (2014). *Histórias de reencontro: ancestralidade, pertencimento e enraizamento na descoberta de ser negro*. (Dissertação de mestrado não editada, Programa de especialização em Psicologia Social). Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, São Paulo. Consultado em 19 de fevereiro 2022. Recuperado em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-03102014-113719/pt-br.php>.
- Silva, C. D. (2016). *Racismo e a produção de estereótipos : impactos na subjetividade da criança negra no Brasil*. (Trabalho de conclusão de curso de graduação não editado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Souza, J. (2009). *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG.